

Aspetos culturais de Portugal: cinema, teatro, música e literatura

É difícil sintetizar aqui a diversidade da cultura portuguesa, máxime se considerarmos o período posterior a 25 de abril de 74 em que, nomeadamente no cinema e na música, se conheceu uma notável renovação.

No cinema, os primeiros anos do fim da ditadura querem dar ao público o retrato da época, as novas mudanças sociais e a visão positiva e negativa das longas guerras coloniais, por meio do cinema de intervenção, cinema militante, ou docuficção (mistura de documentário e ficção) ou simplesmente por meio do filme documentário.

Manuel de Oliveira, João Botelho, José Fonseca, Lauro António ou Ricardo Costa terão presença relevante, alguns com reconhecimento internacional nos Festivais de Veneza.

Ao longo dos anos 80, o documentário sai de cena e o cinema de ficção assiste a sucessos de bilheteira. Foram os anos de ouro pelo volume de produções: *A manhã submersa* de Lauro António (a memória da repressão), *Oxalá* de António Pedro Vasconcelos (retrato social e guerra colonial), *Amor de perdição* de Manoel de Oliveira são alguns exemplos.

Nos anos 90, o cinema português renova-se com gerações mais novas e conhece novo impulso: Pedro Costa, Teresa Villaverde, Joaquim Sapinho, Margarida Cardoso, Cláudia Tomaz, Serge Treffaut entram em cena. Com eles, outra temática: os ambientes marginais de Lisboa em *Zona J*, ou *Os mutantes*; e alguma incursão nos meios rurais do norte de Portugal. No ecrã também os velhos cineastas: Manoel de Oliveira com *Viagem ao princípio do Mundo*, Joaquim Leitão com *Inferno*.

No início deste século, predominam filmes de autor e acentuam-se tendências experimentais. Alguns deles transpõem fronteiras e fazem presença em Festivais internacionais. Mas o grande público é agora mais escasso: vídeo e televisão fazem competência. É por isso que se altera a situação com o aparecimento de filmes comerciais cujo público-alvo são as audiências habituais das telenovelas. A televisão invade o cinema e investe em produções em que figuram atores do pequeno ecrã. Vai ser a distribuidora Lusomundo que se encarregue de fomentar o filme comercial.

Desde 2005 até hoje:

- várias séries de televisão adaptadas ao cinema: *O crime do Padre Amaro* de Carlos Coelho da Silva, *Filme da Treta* de José Sacramento, são recordes de bilheteira.
- Prosegue o documentário, agora mais experimental, preferentemente antropológico: *Lisboetas* de Serge Treffaut ou *Ainda há pastores* de Jorge Pelicano são obras em destaque.
- Alguns filmes de autor que pretendem melhorar audiências: *Alice* (uma filha perdida na cidade de Lisboa) de Marco Martins; *Odete* (a morte dramática de um jovem em Lisboa); *O fatalista* ou *Corrupção* de João Botelho; *A outra margem*, de Luís Filipe Rocha...

Ultimamente, são os filmes artesanais, ousados, inovadores ou reveladores (pelo que mostram da condição humana) que avivam interesse dentro e fora de Portugal, mesmo nos EUA. Porém, dentro do país é mais frequente um cinema comercial e uma

televisão –pública, privada ou por cabo- sem filmes portugueses e saturada de séries populares e de filmes norte-americanos.

Já na música, Portugal é internacionalmente conhecido pela sua tradição folclórica assente no fado (considerado Património Oral e Imaterial da Humanidade), tendo como intérprete reconhecida internacionalmente Amália Rodrigues. No entanto, o fado tem assistido nos últimos anos ao aparecimento de jovens vozes que atingem grande sucesso, como Camané, Mariza, Ana Moura, Kátia Guerreiro, Carminho ou Mísia, entre outros. Com grupos como os Madredeus e cantoras como Mariza ou Dulce Pontes, a música portuguesa tem atingido um patamar de reconhecimento internacional e tem ajudado a divulgar a língua portuguesa em todo o mundo.

Entre os anos 60 e 70 desenvolveu-se a música de intervenção com a finalidade de criticar o Estado Novo e chamar a atenção do povo: Sérgio Godinho, José Mário Branco ou Zeca Afonso, ainda hoje escutados.

No período pós-revolução dos cravos, anos 80 ao tempo que o fado começa uma notória renovação, enriqueceram a cultura musical bandas como Xutos e Pontapés, Heróis do mar, os GNR e outras, algumas efémeras. Surgia também Rui Veloso.

Hoje há bandas que diversificam e renovam a música portuguesa como:

- Rock com os Ornatos violetas
- Pop com os Clã
- Heavy metal com os Moonspell
- Hip hop falado em português com Sam the kid, Valete, Mind da Gap
- Fusão rock hip- hop com Da Weasel
- Fusão rock, soul e blues: os Wraygunn
- Jazz e música dança com os Buraka Som Sistema
- Música experimental que parte da já clássica (arranjos modernos para músicas de Zeca Afonso ou fado com ritmos eletrónicos com A Naifa); atualmente temos bandas de experimentalismo português como os Frango, Tiago Sousa que mostram os seus trabalhos na plataforma Netlabel Merzbau.

No que diz respeito à literatura, os inícios encontram-se na poesia galego-portuguesa medieval, desenvolvida originalmente na Galiza e no Norte de Portugal. A idade de ouro situa-se no Renascimento, momento em que aparecem escritores como Gil Vicente e, sobretudo, o grande poeta épico Luís de Camões, autor de *Os Lusíadas*. Vultos literários do século XX são Fernando Pessoa, considerado como o grande poeta nacional -com Camões-, e já nos últimos anos, desenvolvendo-se, aliás, a prosa de ficção, José Saramago, Prémio Nobel de Literatura, António Lobo Antunes, Urbano Tavares Rodrigues ou Sophia de Mello Breyner Andresen, só por referir algumas vozes dentre a plural e fértil produção literária. Ainda, José Luís Peixoto, Gonçalo M. Tavares, V. Hugo Mãe são três autores que, com outros, identificam a literatura portuguesa atual.

O teatro português começa no século XVI com o já citado Gil Vicente, o seu fundador. A seguir virão uma série de impulsionadores que contribuiram para a renascença do género: António Ferreira com *Castro*, Almeida Garret com *Frei Luis de Sousa* e, já no

século XX, temos grandes nomes da literatura que escrevem para o teatro: Júlio Dantas, Raul Brandão, José Régio...

Neste momento existe em Portugal um teatro que se renova constantemente e que prima pela diversidade, apesar do fraco investimento por parte do Ministério da Cultura e das fracas condições com que a maior parte dos artistas ainda trabalha. São aliciantes, porém, os festivais de teatro em diversas regiões de Portugal, com grande divulgação, como o Festival Alkântara, o Festival de Almada, a FITEI no Porto, ou o Citemor em Montemor-o-Velho, entre outros.